

# QUESTÕES DE GÊNERO NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) tem realizado pesquisas para compreender como a sociedade interage com a ciência. Um de nossos objetivos com essas pesquisas é gerar subsídios para o aperfeiçoamento de práticas de divulgação científica em diferentes meios, como os centros e museus de ciência e os veículos de comunicação de massa. Por isso, o que você lerá a seguir são *insights* que nossos pesquisadores tiveram ao longo de sua pesquisa, seja revisando a literatura especializada, seja no campo, acompanhando de perto atividades de divulgação científica e seus participantes. Esperamos, assim, contribuir para que você reflita e avalie suas próprias atividades de divulgação científica.

Nos últimos anos, o Brasil e o mundo viram crescer em quantidade e em área de atuação os movimentos em favor de uma maior participação feminina na ciência. O resultado já está aí: no Brasil, por exemplo, há quase duas décadas, existe um equilíbrio de gênero quando se observa o número geral de pesquisadores em atuação – embora esse equilíbrio não se aplique a todas as áreas do conhecimento.

Porém, quando observamos a imagem da ciência e do cientista retratada nos meios de comunicação, incluindo, por exemplo, os telejornais, as campanhas publicitárias e os filmes de animação, frequentemente encontramos ainda o estereótipo do cientista homem, branco e de meia idade.

NOSSAS PESQUISAS INDICAM QUE ALGUNS DOS PRINCIPAIS PROGRAMAS TELEVISIVOS BRASILEIROS AINDA INCLUEM POUCAS MULHERES ENTRE SEUS ENTREVISTADOS, E QUE MESMO AS PEÇAS DE FICÇÃO NACIONAIS OU INTERNACIONAIS (COMO TELENOVELAS, FILMES E SERIADOS) COSTUMAM RETRATAR MENOS AS CIENTISTAS DO QUE SEUS PARES MASCULINOS.

Este pode ser um indicativo de que a programação televisiva reflete apenas uma parcela da realidade da comunidade cien-

tífica brasileira: por exemplo, a dos cargos mais avançados ou de prestígio, onde há larga predominância masculina, ou a de áreas específicas onde a participação feminina ainda é modesta, como as engenharias e as ciências exatas. Porém, é importante não perder de vista um contexto mais amplo da ciência, que está em constante processo de mudança, inclusive com a participação crescente de mulheres nas áreas “tradicionalmente” masculinas.

Vale considerar, ainda, que a ausência ou a reduzida participação das mulheres nas diferentes peças midiáticas que comunicam ciência podem, também, influenciar o imaginário que a sociedade tem da atividade científica, reforçando a ideia de que se trata de um campo predominantemente masculino (e de brancos). Por isso, é preciso incentivar um olhar menos estereotipado para o profissional da ciência.

## UM CÍRCULO VICIOSO

Vários estudos sobre a percepção de crianças, jovens e adultos sobre a atividade científica mostram que, no imaginário popular, o cientista é um personagem masculino, talvez um pouco louco, que passa tempo

demais no laboratório. O cientista imaginário é branco, tem cabelos brancos, usa óculos, veste jaleco e possivelmente está muito concentrado em sua pesquisa para se preocupar com coisas mundanas como o lazer e a criação de vínculos afetivos.

De fato, esta é a imagem frequentemente presente em filmes, desenhos animados e outras peças de ficção que abordam temas científicos, e também, em alguma medida, em materiais jornalísticos. É recorrente, por exemplo, que matérias televisivas retratem cientistas de jaleco, em laboratório, mesmo que, em seu dia a dia, o pesquisador ou pesquisadora em questão trabalhe em outros ambientes.

Em parte, esses ícones reconhecidos por grande parte da população como pertencentes ao repertório da ciência facilitam a identificação de cientistas em filmes e outras peças de comunicação – tem jaleco, logo, deve ser cientista! Mas, por outro lado, reforçam um estereótipo que não necessariamente condiz com a realidade. Afinal, há cientistas que fogem a essas referências: pesquisadores que trabalham em campo, de calça jeans e chapéu; ou no mar, de roupa de mergulho. Da mesma forma, há cientistas mulheres, jovens e maduras, brancas, negras, asiáticas, indígenas, magras e gordas, de cabelos curtos e longos, com e sem maquiagem.

## REFLETIR A DIVERSIDADE

Considerando que as mulheres já são maioria entre os autores de artigos científicos em diversas áreas, e que há mulheres liderando grupos de pesquisa, projetos e iniciativas, seria natural que a cobertura jornalística dessas atividades refletisse a diversidade existente nos grupos de pesquisa, isto é, que incluísse mulheres entre

as fontes entrevistadas para e retratadas nas reportagens. E o mesmo vale para outros meios de divulgação científica.

CONSIDERE, PORTANTO, INCLUIR MULHERES ENTRE SUAS PERSONAGENS, SEJA EM PEÇAS INFORMATIVAS OU DE FICÇÃO.

Por exemplo, em um documentário para o cinema, em um desenho animado, ou nas ilustrações que decoram uma exposição ou um livro, procure dar características variadas aos personagens, representando a diversidade que vemos em nossa sociedade.

## VER PARA CONSIDERAR SER

Além de ser uma maneira de refletir de forma mais fiel a diversidade inerente à academia, o aumento da presença feminina nas peças de divulgação científica pode ajudar a incentivar a própria participação das mulheres na ciência. Afinal, meninas e jovens, ao se verem representadas na atividade científica, terão mais chance de se imaginar nessa carreira.

Um dado que pode ajudar a sublinhar a importância dessa representação: aos seis anos, meninas já mostram menor probabilidade de acreditar que são “muito inteligentes” e começam a evitar atividades que dizem ser para crianças “muito, muito espertas”, em comparação a meninos da mesma idade. Além disso, na escola, os meninos são estimulados com mais frequência que as meninas a ingressarem em carreiras científicas e tecnológicas.

Em uma pesquisa com jovens brasileiras sobre a imagem da mulher cientista em telejornais, as participantes comentaram, sobre uma reportagem que mostrava a trajetória de uma cientista brasileira na NASA: “Achei maneiro, aquela engenheira

saiu do Brasil e conseguiu trabalhar na NASA!"; "Me senti representada."; "Eu senti que eu posso chegar lá."

## CONTROVÉRSIA E PRECONCEITO

Um papel frequentemente assumido pela divulgação científica é o de falar sobre os impactos da ciência sobre a sociedade. Em um estudo sobre programas televisivos brasileiros, observamos que matérias sobre o impacto social da ciência e da tecnologia têm menor chance de apresentar uma mulher cientista como fonte. O mesmo acontece com as matérias que comentam riscos relacionados à ciência – os homens são maioria absoluta dos especialistas consultados, o que nos leva a desconfiar de um preconceito de gênero ao convidar um *expert* para falar de controvérsias científicas.

## A MULHER QUE QUEREMOS VER

OBVIAMENTE, A SIMPLES PRESENÇA DE MULHERES EM PRODUTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NÃO RESOLVERÁ, AUTOMATICAMENTE, O DESEQUILÍBRIO DE GÊNERO NA CIÊNCIA.

Especialmente se as personagens femininas aparecerem sempre em situação de desvantagem ou que valoriza mais seus atributos físicos do que a sua inteligência!

Por exemplo, algumas pesquisas apontam que, nos filmes de ficção que retratam mulheres cientistas, elas são predominantemente jovens, bonitas, brancas e, por vezes, sedutoras. Também aparecem como intuitivas e emotivas – em contraste à racionalidade científica atribuída aos seus pares masculinos. E, quando trabalham em equipe, costumam aparecer como subordinadas aos homens, o que ajuda a reforçar um mito de que as

mulheres têm menos competência para liderar atividades relacionadas à ciência. Além disso, muitas vezes, as mulheres são retratadas em situações que reforçam um estereótipo feminino: como professoras e cuidadoras, por exemplo – são, obviamente, papéis importantes, mas certamente não os únicos exercidos por mulheres. Portanto, atividades de divulgação científica que pretendem desconstruir estereótipos e reforçar a importância da participação feminina na ciência devem estar atentas a esses detalhes.

Finalmente, a atenção às questões de gênero nos produtos de divulgação científica deve favorecer também a reflexão sobre como a maior participação das mulheres e outros grupos marginalizados modifica ou pode modificar a própria construção de conhecimentos, chamando atenção do público para a diversidade de narrativas possíveis para os temas de ciência.

## CIÊNCIA INSERIDA NA SOCIEDADE

SEMPRE QUE POSSÍVEL, É INTERESSANTE MOSTRAR QUE A CARREIRA DE CIENTISTA ESTÁ, COMO AS OUTRAS, INSERIDA NUM CONTEXTO MAIS AMPLO, QUE PERPASSA CARACTERÍSTICAS SOCIAIS, ECONÔMICAS E CULTURAIS DAS NOSSAS SOCIEDADES.

Por exemplo, o fato de a maior parte das responsabilidades domésticas, incluindo os cuidados com os filhos, ainda recaírem sobre as mulheres é um fator que influencia a vida profissional de advogadas, executivas, jornalistas, faxineiras, cozinheiras e, também, cientistas. Embora não seja algo exclusivo da atividade científica, acaba tendo impacto sobre ela e, portanto, pode ser problematizado em peças de comunicação.

A ideia de que os cientistas não são apenas profissionais, mas, também, pessoas

com outros interesses e atividades além do trabalho – lazer, prática de esportes, relacionamentos, religiosidade e tanto mais – é, embora óbvia, pouco retratada na divulgação científica. Mas explicitar esses detalhes pode ajudar a humanizar a figura do e da cientista, tornando-a mais próxima do público, em oposição a um modelo inatingível com quem os não cientistas pouco se identificam.

## HISTÓRIAS INSPIRADORAS

Uma opção interessante para retratar a participação feminina na ciência é contar a história de tantas mulheres cuja contribuição para seus campos de atuação foi fundamental, mas, frequentemente, pouco reconhecida. Isso significa explorar as trajetórias pessoais e profissionais de cientistas brasileiras contemporâneas ou que já fazem parte da nossa história – preferencialmente, mostrando ao público que não se trata de mentes solitárias e excepcionalmente brilhantes, mas fruto de trabalho árduo e colaborativo.

Como vêm indicando estudos sobre a percepção pública da ciência no Brasil, os brasileiros conhecem pouco os cientistas que atuam e atuaram em nosso país. Se poucos conseguem citar de memória o nome de um cientista, menos ainda lembram o nome de uma cientista mulher. Um conjunto de esforços em divulgação científica poderia mudar essa realidade.

### Expediente

Luisa Massarani (coordenação e texto)  
Catarina Chagas (texto)  
Gabriela Reznik (texto)  
Vanessa Brasil (texto)  
Barbara Mello (design gráfico)

*Confira, abaixo, publicações recentes do INCT-CPCT sobre gênero e divulgação científica:*

CARVALHO, VB; MASSARANI, L. Homens e mulheres cientistas: questões de gênero nas duas principais emissoras televisivas do Brasil. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, [s.l.], v. 40, n. 1, p.213-232, abr. 2017.

MASSARANI, L; CASTELFRANCHI, Y; PEDREIRA, AE. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no *Jornal Nacional* e no *Fantástico*. *Cadernos Pagu*, [s.l.], n. 56, p.1-34, 2019.

REZNIK, G; MASSARANI, L. Gender and science in animation: analysis of the Anima Mundi Festival films. *Journal Of Science Communication*, [s.l.], v. 18, n. 02, p.1-17, 20 maio 2019.

REZNIK, G; MASSARANI, L; MOREIRA, IC. Como a imagem de cientista aparece em curtas de animação? *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, [s.l.], v. 26, n. 3, p.753-777, set. 2019.

REZNIK, G; MASSARANI, L; RAMALHO, M; MALCHER, MA; AMORIM, L; CASTELFRANCHI, Y. Como adolescentes apreendem a ciência e a profissão de cientista? *Revista Estudos Feministas*, [s.l.], v. 25, n. 2, p.829-855, ago. 2017.

**INCT CPCT**  
Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia

